

## Acompanhamento arqueológico da rede de drenagem de águas residuais: área classificada do Conjunto Rural de Nevogilde (Calçada do Carreiro)

Manuel Nunes\*, Paulo Lemos\*\* e Joana Leite\*\*\*

### 1. Introdução

A aprovação do projecto de construção do Sistema Geral de Drenagem e Tratamento das Águas Residuais do Concelho de Lousada, nomeadamente na freguesia de Nevogilde, área onde se localiza o Conjunto Rural de Nevogilde, sítio com estatuto "Em Vias de Classificação" de reconhecida importância do ponto de vista arquitectónico e patrimonial<sup>1</sup>, levou a autarquia de Lousada, através do seu Gabinete de Arqueologia, a proceder a uma avaliação prévia dos impactos do projecto naquela área classificada, nomeadamente ao nível da Calçada do Carreiro, via que se desenvolve em dois troços, ao longo de 208 m (Troço 1 = 160 m; Troço 2 = 48 m), ligando o caminho municipal proveniente da EM 1158-1 à EM 1132 (Cristelos/ Nevogilde). Em consequência, e uma vez que o projecto afectaria directamente o Troço 2 da Calçada do Carreiro, correspondente à actual Travessa d'Afreita que, a partir da bifurcação do Troço 1, junto à Casa do Carreiro de Cima e da Casa d'Afreita, se desenvolve no sentido E/O na Zona Geral de Protecção do Conjunto Rural de Nevogilde Fig.1, foi elaborado para aquela área um Plano de Trabalhos Arqueológicos prevendo a implementação de medidas de mitigação e minimização de impactos, designadamente o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de levantamento do pavimento, da abertura das valas para a colocação das condutas, da construção das respectivas Câmaras de Visita (CV) e, finalmente, da reposição do pavimento da calçada.

### 2. Enquadramento histórico

O Conjunto Rural de Nevogilde é formado por sete residências e outros edifícios agrícolas – Casa das Vinhas, Casa do Carreiro de Baixo, Casa do Pedregal, Casa da Jusã, Casa do Carreiro de Cima, Casa d'Afreita e Casa de Passos. Tal como se pode ler na memória descritiva do processo de classificação, não estamos em presença de um núcleo de características monumentais, residindo o objecto da classificação deste núcleo, antes na "integri-

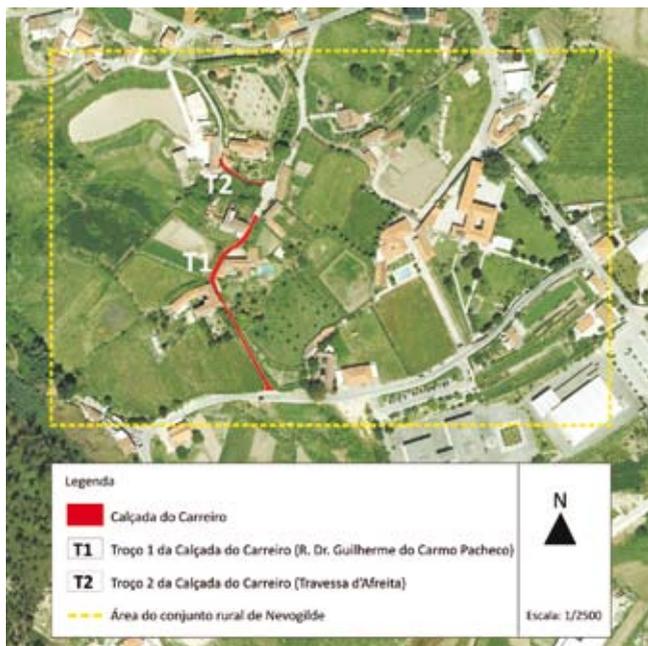


Fig. 1 - Conjunto Rural de Nevogilde e respectivos troços da Calçada do Carreiro.

dade manifestada por este complexo arquitectónico, rural e agrícola em termos de organização do território, conservando os caminhos rurais entre as propriedades". As próprias casas, que não se integram na arquitectura popular, são construções depuradas exibindo, duas delas, brasão de armas (Nóbrega, 1999:246-251). Percorrendo e ligando entre si os diversos edifícios que compõem este núcleo habitacional antigo com casas de velha ascendência, cronologicamente enquadrável nos períodos Moderno e Contemporâneo, encontramos uma extensão relativamente íngreme de calçada, composta por grandes lajes graníticas, que Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1995:Ficha n.º 168) designa de "à antiga portu-

\* Arqueólogo. Coordenador do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada

\*\* Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

\*\*\* Arqueóloga. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

<sup>1</sup> O sítio encontra-se inscrito na base de dados da Direcção Regional de Cultura do Norte (DRCN) sob o N.º de Inventário 72535/ Processo DRP/CLS-512.

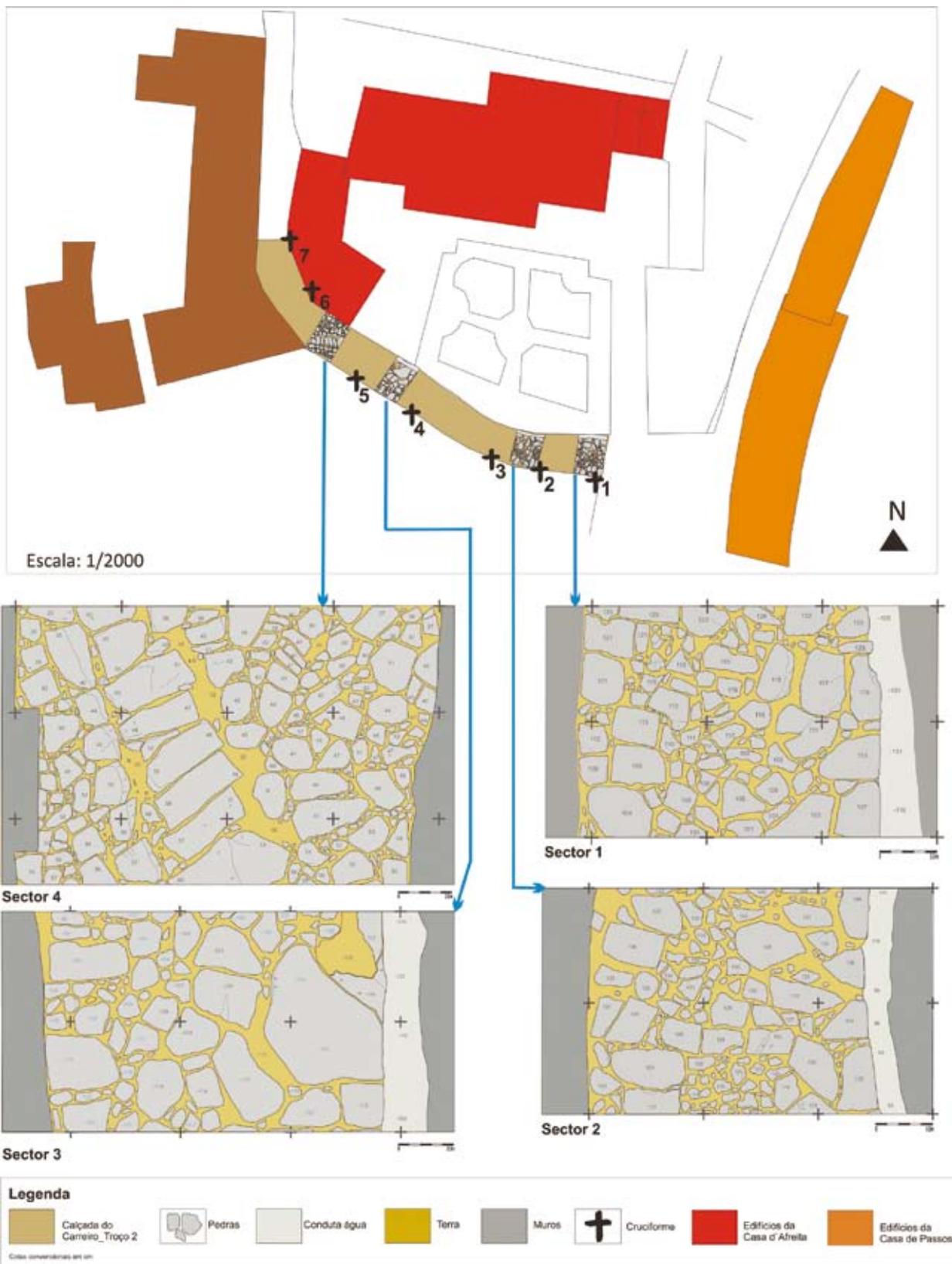


Fig. 2 - Planta da área correspondente ao Troço 2 da Calçada do Carreiro e das Secções 1 a 4 aí intervenionadas.



**Fig. 3** - Perspectiva ascendente, sentido E/O, do Troço 2 da Calçada do Carreiro. À esquerda e à direita desenvolvem-se os muros das propriedades da Casa do Carreiro de Cima e da Casa d'Freita, respectivamente.

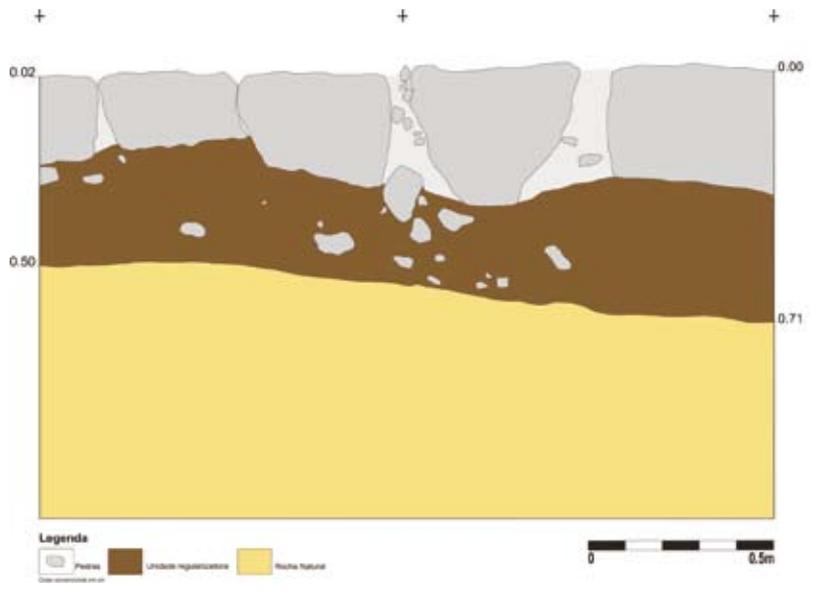
*guesa*<sup>2</sup>. Primitivamente, o núcleo composto pela Casa das Vinhas, Casa do Carreiro de Baixo, Casa do Carreiro de Cima, estas duas brasonadas, e a Casa d'Freita, com capela do século XVIII, constituiriam, tal como outras realidades similares identificadas no actual quadro toponímico do concelho de Lousada (Nunes, 2009:51), lugares *per se* e, portanto, núcleos de povoamento, com provável origem Medieval, que evidenciaram uma continuação de ocupação ao longo da Idade Moderna, conforme atestam as Memórias Paroquias de 1758 (Capela, 2009:318). Desta forma, e acompanhando o melhoramento das primitivas casas de raiz medieval que se verifica, entre os séculos XVII e XVIII, com um investimento nas propriedades por parte de alguns senhores locais, que passa, sobretudo, pelo engrandecimento e enobrecimento das residências (Silva e Monteiro, 2009:40-41), deverá ter-se assistido, igualmente, à construção da dita calçada que, mais tarde, já nos primórdios do século XX, terá sido objecto de alargamento (Nóbrega, 1999: 248)<sup>Fig.2 e 3</sup>. Conquanto de cronologia incerta, se recuarmos até 1798, ano em que José Custódio Vilas Boas publica o seu *Mappa da provincia d'Entre Douro e Minho*, encontramos a Calçada do Carreiro perfeitamente enqua-

drada na rede viária de âmbito regional em uso naquela época, incorporando-se na via que, partindo da cidade de Penafiel, seguia para Noroeste em direcção ao vale do Ave. Atravessando as freguesias do Sul do concelho de Lousada, a via cruzava a Ponte de Lagoas em Nevogilde, e prosseguia, possivelmente através da via calçada do Carreiro, até às faldas da Serra de Santiago onde a Portela das Cadeiras fazia a transição para o vizinho concelho de Aguiar de Sousa<sup>3</sup>.

### 3. Acompanhamento arqueológico e resultados

Os trabalhos arqueológicos de acompanhamento centraram-se apenas no Troço 2 da Calçada do Carreiro e decorreram entre os meses de Agosto e Outubro de 2010. Durante o processo, foram observadas e registadas as estratigrafias detectadas ao longo das valas e/ou CV, recolhendo-se todos os materiais arqueológicos relevantes. Os trabalhos tiveram início com a prospecção sistemática da área afectada e envolvente imediata, seguindo-se um exaustivo registo fotográfico do aparelho construtivo da calçada. Posteriormente, e após a execução de trabalhos de limpeza em quatro secções alternadas da calçada, procedeu-se ao desenho das secções intervencionadas à escala 1:20, totalizando 28 m<sup>2</sup>. Por fim, concretizou-se o levantamento e implantação topográfica da totalidade do Troço 2.

Numa segunda fase, acompanharam-se as acções de



**Fig. 4** – Pormenor do corte esquerdo (entre a Secção 4 e a Secção 3, sentido descendente) da vala realizada para a colocação da rede de saneamento no Troço 2 da Calçada do Carreiro.

<sup>2</sup> No Entre-Douro-e-Minho, em virtude de uma agricultura extensa, onde a água e a lama são presença frequente, assistiu-se, na Idade Média, ao lajeamento dos caminhos onde o piso, devido à utilização dos pesados carros de tracção animal, se degradava rapidamente. No entanto, como testemunham João de Barros (1919:125) e Ferreira de Almeida (1968:134-136), e tal como se verifica na área da Calçada do Carreiro, estes lajeados eram intermitentes, surgindo apenas onde eram necessários e sempre em declives de estradas.

<sup>3</sup> Para além dos elementos edificadas (Ponte de Lagoas, Calçada do Carreiro), o traçado da via apresentado no mapa de Vilas Boas, coincide com várias evidências toponímicas que atestam a sua antiguidade. É o caso dos evidentes topónimos *Estrada* e *Portela*, localizados entre Ferreira e Nevogilde, e ainda do topónimo *São Tiago*, associado à viação medieval dos romeiros de Compostela (Almeida, 2008:7), e cuja origem local se deve à presença, de uma capela evocativa do Santo na cumeada da formação montanhosa que separa Nevogilde de Ferreira.

levantamento do lajeado, de escavação e respectivas movimentações de terras da vala com vista à implantação da rede de saneamento e correspondentes CV <sup>Fig.4</sup>.

Finalmente, procedeu-se ao acompanhamento dos trabalhos de reposição do piso de circulação (composto por lajes graníticas, maioritariamente de grandes proporções) que constitui a calçada. Estes trabalhos visaram o restabelecimento, tão fidedigno quanto possível, da trama original da Calçada do Carreiro, tendo sido usadas para tal as lajes anteriormente retiradas para a abertura da vala.

Do acompanhamento arqueológico das obras em apreço resulta a constatação de que este troço de calçada, que inicialmente se pensava estar inalterado desde a sua construção, se apresentava, efectivamente, modificado por acções intrusivas aí levadas a cabo em décadas recentes. De facto, aquando da abertura da vala, verificou-se a existência de um tubo em fibrocimento destinado ao transporte de água, instalado sensivelmente ao eixo da calçada e ao longo de toda a sua extensão, a uma profundidade que rondava os 0.80 m em relação ao piso de circulação actual. Os trabalhos de acompanhamento tiveram ainda como mérito a descoberta de um fragmento de mó rotativa manual (dormente) de cronologia presumivelmente romana<sup>4</sup>, em granito de tonalidade esbranquiçada e de grão muito fino, detectado no final do Troço 2, na área correspondente à Secção 4. O fragmento, que pertencia ao lajeado que compunha a calçada, foi recolhido aquando dos trabalhos mecânicos de levantamento das lajes. Embora se desconheça a proveniência deste fragmento de mó giratória manual, não será de descorar a sua origem local, sobretudo se atendermos à proximidade física (c.500 m) de ves-

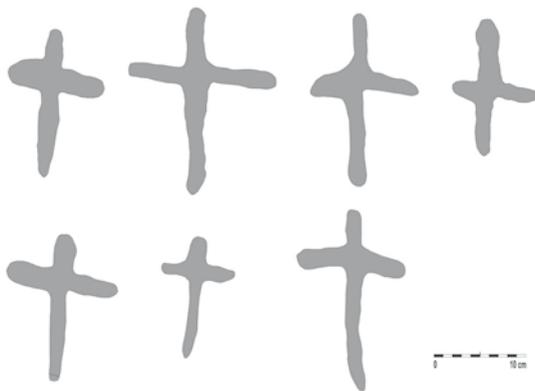


Fig. 5 - Conjunto dos cruciformes detectados no Troço 2 da Calçada do Carreiro.

tígio conotados com o paleopovoamento deste território em época romana e pré-romana: Castro de Nevogilde e ara de Nevogilde<sup>5</sup> (Nunes, *et al*, 2008:165-166).

Por último, refira-se a detecção, nos muros e habitações que ladeiam o Troço 2, de sete cruciformes toscamente gravados nos silhares graníticos que compõem os respectivos aparelhos construtivos<sup>6</sup>. Cinco desses cruciformes encontram-se presentes no muro que delimita o conjunto habitacional da Casa do Carreiro de Cima, os restantes dois cruciformes foram gravados no edifício da Casa d'Afreita, justamente onde o traçado da mesma sofre uma mudança de direcção <sup>Fig.5</sup>.

## Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.F. (1968) - *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*. FLUP. Porto. Ed. Policopiada.
- ALMEIDA, C.A.F. (1995) - *Patrimonium*. Inventário da Terra de Sousa. Concelhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira. Ficha de inventário 168. [CD-ROM]. Edição Etnos, Lda. Porto.
- ALMEIDA, B, ALMEIDA, P. e SANTOS, M.J. (2008) - *Caminhos Antigos e de Peregrinação em Penafiel*. Penafiel: Museu Municipal.
- ALARCÃO, J. (2004) - Introdução ao estudo da Tecnologia Romana. Cadernos de Arqueologia e Arte. 7. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.
- BARROS, J. (1919) - *Geographia de Entre Douro e Minho e Três-os-Montes*. Porto
- CAPELA, V., MATOS, H e BORRALHEIRO, R. (2009) - As freguesias do Distrito do Porto nas memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património. Braga: Edição de autor.
- DIRECÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO NORTE. Bens Imóveis em vias de classificação: Distrito do Porto [Consult. 08. Nov. 2010]. Disponível em WWW: \_ URL: <http://www.culturanorte.pt/>
- NÓBREGA, A.V.O. (1999) - *A Heráldica de Família no Concelho de Lousada. Aditamento a "Pedras de Armas do Concelho de Lousada (1959)*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- NUNES, M., SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008) - *Carta Arqueo-*

- lógica do concelho de Lousada*, Gabinete de Arqueologia, Câmara Municipal de Lousada, pp.41-46/106-107.
- NUNES, M. (2009) - A paisagem agrária do concelho de Lousada no século XIII: notas arqueológicas, toponímicas e documentais. *OPPIDUM*, N.º 3 (2008-2009), p.47-74.
- NUNES, M., LEMOS, P. e LEITE, J. (2010) - *Sistema Geral de Drenagem e Tratamento das Águas Residuais do Concelho de Lousada Núcleo Rural de Nevogilde (Calçada do Carreiro): Acompanhamento Arqueológico*. Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Lousada (Policopiado).
- SARAIVA, A. (Coord.) (2006) - *Marcas Mágico-Religiosas no Centro Histórico da Guarda*. Guarda: Polísguarda/Câmara Municipal da Guarda
- SILVA, I.L.M.S. e MONTEIRO, I.M.B.C. (2009) - *Lousada Percursos de Memória (2ª Ed.)*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- VILAS BOAS, C.J.G. (1798) - *Mappa da provincia d'Entre Douro e Minho: levantado em 1794 e 1795 de par com as indagações economico-políticas: tudo para servir à regulação das comarcas da mesma provincia, e outros objectos de utilidade publica*. Escala [ca. 1:97 000], 2 legoas portuguesas.
- VILHENA, J. (2009) - *As pedras lisas. As Mós e Moagem Manual entre a Pré-História Recente e a Época Moderna*. Odemira: Câmara Municipal de Odemira.

<sup>4</sup> Conquanto no Noroeste português, tradicionalmente, se associe a detecção de mós rotativas manuais à presença de populações romanas ou romanizadas, é um facto que no Sudoeste da Península Ibérica, já na Idade do Ferro tardia (séc. III/II a.C.), embora continuem a ser predominantes as mós de vaivém, os pequenos moinhos rotativos são relativamente frequentes nos povoados proto-urbanos indígenas apresentando, inclusive, características tipológicas próximas às da época romana (Vilhena, 2009:36). Por outro lado, e tal como atestam inúmeros exemplos locais (Cf. Nunes, Lemos e Leite, 2010:20), o inverso é igualmente válido, tendo perdurado, mesmo na época baixo-imperial, a utilização de mós de rebolo e de almofarizes a par de mós giratórias romanas (Alarcão, 2004:36-37).

<sup>5</sup> Cf. Carta Arqueológica do Concelho de Lousada: Cód.Inv.NEV1 / N.º Cart.130 e Cód.Inv.NEV2 / N.º Cart.131, respectivamente.

<sup>6</sup> Apesar dos cruciformes surgirem frequentemente associados à época medieval, é relativamente frequente detectar cruces gravadas em edifícios (muros, ombreiras de portas, paredes, etc.) cuja traça arquitectónica remete a sua construção para os séculos XVI, XVII e XVIII ou até para o século XIX. Neste contexto a gravação de uma cruz pode ser entendida na perspectiva vasta e genérica de acto de sacralização de um espaço ou ainda, no caso da proximidade de vias, como resultando da vontade ou da necessidade de "guardar" os viandantes (Saraiva, 2006).